

Conversando com os amigos de Clarice Lispector¹

DENISE CIPRIANO JABOUR*

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha porque alta vive.*

Ricardo Reis

O porquê de Clarice

Antes de começar a falar sobre Clarice Lispector, gostaria de elucidar que a conversa de hoje terá um formato diferente. Por ocasião do primeiro encontro desse grupo, *Conversando com Amigos da Psicanálise*, o professor Luiz Cláudio Figueiredo, presente nessa tarde, nos informou sobre um *happy hour* afetivo e descontraído com amigos, às sextas-feiras, para trocas de ideias sobre os mais diversos assuntos, incluindo literatura.

Há algum tempo faço algo semelhante, uma vez por mês, com amigas de longa data, para manter a amizade e conversar sobre as nossas últimas lei-

1. Esse artigo é fruto de uma palestra realizada por mim, no grupo *Conversando com Amigos da Psicanálise*, no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, em março de 2026.

* Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Doutora em Psicologia pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Psicóloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Aposentada da Universidade Federal Fluminense (UFF).

turas. Em um desses encontros apresentei uma biografia que me encantou tanto, que li duas vezes. Trata-se do livro CLARICE de Benjamim Moser. Primeiro, porque a escrita é impecável; depois porque funcionou para mim como uma epifania, a chave para entender um pouco do universo de Clarice Lispector. As duas: a escritora que escrevia contos interessantíssimos e cognoscíveis e a outra: a escritora que escrevia livros herméticos, verdadeiros fluxos de consciência e não fatos; narrativas intertextuais, ou seja, um texto conversando com outro texto.

Numa conversa com Theresa da Costa Barros, coordenadora do grupo dos amigos da psicanálise, sobre essa minha iluminação, ela me propôs que viesse falar neste espaço. Inicialmente relutei, pois o perfil dos encontros das sextas-feiras se tornou bastante acadêmico, com os convidados apresentando teses, dissertações, o que não seria o meu caso. Mas fui convencida de que o meu trabalho seria apreciado, e isso me estimulou bastante.

Isso é para esclarecer que não escrevi nenhuma tese sobre Clarice, nem tenho a pretensão de psicanalisá-la, e sim compartilhar e divulgar a pesquisa, que foi despertando e amadurecendo o meu interesse por essa escritora, que me deu muita satisfação, fruição e que inicialmente era movida apenas pelo que dizia Freud (1908/1976): “O prazer efetivo com uma obra de ficção surge a partir de uma liberação da mente”. Sim, me permiti ser informal e me dei a liberdade de escrita, inspirada numa das características mais marcantes do meu objeto de estudo. E por fim uma citação atribuída a Roland Barthes me autorizou a prosseguir: *O escritor é alguém que combina citações eliminando as aspas*.

Porém, sem metamorfosear a semântica e a sintaxe, algo que apenas a grande dama da literatura pode se autorizar. Ela, que mesmo depois de ser consagrada como a maior escritora brasileira, disse, numa entrevista a Júlio Lerner na TV Cultura, que não era escritora; escrevia apenas quando queria e não se via como uma profissional, preferindo manter a sua liberdade criativa. Foi mesmo descrita como uma *anti- escritora*, a quem fatos e pormenores incomodavam.

Fui surpreendida pela semelhança dessa assertiva acima com as apolo-gias feitas por Simone de Beauvoir sobre o valor da liberdade como fonte do sentido da vida. Sabemos que ela viveu pautada nesse princípio. Embora o uso da liberdade na vida das duas mulheres contemporâneas tenha

sido muito diferente, ambas enalteceram a liberdade e a independência de rótulos aprisionadores. A frase: *Que nada nos define. Que nada nos assujeite, que a liberdade seja a nossa substância* é atribuída a Simone, embora não haja comprovação, traduz fielmente o seu modo de pensar e agir. Clarice foi além: *Liberdade é pouco, o que desejo não tem nome*. Duas pessoas que “se tornaram mulheres”, cada uma na sua subjetividade; Simone, existencialista, acreditando que os indivíduos nada mais são que a soma das suas ações exercidas no mundo externo; Clarice intimista, mergulhada nos monólogos interiores, nos quais o que ocorre no palco externo é menos importante que o fluxo de consciência. Uma feminista, outra *femininofílica*², porém não incendiária.

Minha primeira tentativa de ler um de seus livros foi *Água Viva*. Confesso que não consegui ir adiante. É necessário mais maturidade do que tinha na época para lê-lo. Parodiando Nelson Rodrigues, *jovens, amadureçam para ler Água Viva*. Exceto pessoas como Cazuza que, dizem, o leu onze vezes.

Começarei citando um parágrafo da primeira página de *Água Viva*. Transcreverei exatamente como está escrito. Na época queria entender com a sintaxe e a semântica convencionais.

“É com uma alegria tão profunda. É uma tal aleluia. Aleluia, grito eu, aleluia que se funde com o mais escuro uivo humano da dor de separação, mas é grito de felicidade diabólica. Porque ninguém me prende mais. Continuo com capacidade de raciocínio – já estudei matemática que é a loucura do raciocínio – mas agora quero o plasma – quero me alimentar diretamente da placenta. Tenho um pouco de medo: medo ainda de me entregar pois o próximo instante é o desconhecido. O próximo instante é feito por mim? ou se faz sozinho? Fazemo-lo juntos com a respiração. E com uma desenvoltura de toureiro na arena”.

Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante – já que também não é mais...” (LISPECTOR, 1973, p. 9).

2. Permitti-me a liberdade de criar um neologismo.

Mesmo no presente este trecho me parece inquietante, estranho, e nas associações de ideias que Clarice nos induz, lembrei-me de uma das tiradas célebres de Fernando Pessoa, quando lhe pediram para avaliar a Coca-Cola que acabava de entrar em Portugal em 1927: “Primeiro estranha-se, depois estranha-se”.

Porém, mais adiante ela dá a chave para ser compreendida. “Leia-me como se fosse música. Ouve-me então com teu corpo inteiro”. E mais à frente: “Não queria ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Quero é uma verdade inventada.” (Cazuza bebeu dessa fonte com seu amor inventado?). “Não se preocupe em entender. Viver ultrapassa qualquer entendimento”. E *NA HORA DA ESTRELA*: “Os fatos são sonoros, mas entre os fatos há o sussurro. É o sussurro que me impressiona.”

E eu estou tentando ouvir os sussurros.

Com esses conselhos dados por ela, o estranho ficou mais familiar, embora persista em mim uma descontinuidade do entendimento: os signos linguísticos deixam de ser familiares e óbvios, como se houvesse uma interrupção da ligação entre significante e significado (no sentido da fórmula de Saussure :S/s).

As tentativas de definir Clarice Lispector são sempre incompletas: silenciosa, incompreensível, desconcertante, paradoxal. Misteriosa nos versos de Caetano Veloso “Que mistério tem Clarice para guardar-se assim tão firme no coração?”. Ela dizia sobre si mesma: “sou tão misteriosa que não me entendo” ou “o meu mistério é não ter mistério”; e numa frase supostamente de sua autoria “não me prendo a nada que me defina... serei o que você quiser, mas só quando eu quiser...não me limito, não sou.” Veremos ao longo do trabalho, que também era dotada de humor irônico.

Na continuação apresentarei alguns aspectos dessa mente tão rica e surpreendente, que qualquer tentativa de a aprisionar numa definição é fadada ao fracasso.

Os antepassados de Clarice e a vida no Brasil

*Sinto que não moro
sou morada pelas coisas
como a terra das sepulturas
é habitada pelos corpos.*

Adalgisa Nery

Apresento agora a sua história familiar, assim como alguns fatos biográficos. Esses, na maioria, foram retirados e resumidos do livro de Moser, acima citado.

Seu avô paterno era um erudito. Naquela época, na Rússia, era comum os homens judeus instruídos serem cobiçados para se casarem com moças ricas, porém menos refinadas. Foi o que provavelmente ocorreu. Desse casamento nasceu Pinkas (pai de Clarice), também com dotes intelectuais, casou-se com uma mulher de família rica: Mania, mãe de Clarice, cujo pai sustentava os estudos do genro. Porém, não foi um casamento por interesse, existia também amor nessa união; escreveu Elisa, a filha mais velha do casal.

Contudo, apesar de seus dotes intelectuais e financeiros, Pinkas foi recusado na universidade, por ser judeu. E se tornou comerciante. O casal teve uma vida próspera, mas nunca permaneceu muito tempo na mesma cidade. Quando começou a Guerra de 1914, o front oriental foi o cenário dos *pogroms* e os ataques aos judeus, tiveram início. Começaram os rumores, acusando-os de traidores, de passarem informações para os alemães da forma mais mirabolante possível: garrafas jogadas ao mar com planos de motins anticzaristas, sinais luminosos em código, tráfico de ouro em barrigas de gansos. Não demorou para que essas calúnias degenerassem em matança.

A revolução russa não melhorou em nada essa situação. Os Lispector já com duas filhas, mudavam frequentemente de cidade. No caminho para o exílio, os ataques vinham de todos os lados. Numa dessas cidades, Mania foi estuprada por um soldado russo e contraiu sífilis. Quando os sintomas apareceram não foram relacionados ao estupro. Havia na época a crença de que quando uma mulher adoecia, se engravidasse a gravidez curaria a doença. Clarice foi concebida com essa finalidade. Esse milagre da cura não

ocorreu, porém outro aconteceu: Pinkas não se contaminou e Clarice nasceu saudável.

Nessas circunstâncias, em temperaturas que atingiam trinta graus abaixo de zero, nasceu Chaya Pinkhasovna Lispector, na cidade de Tchechelnik, onde pararam para o seu nascimento. Esta tragédia familiar foi crucial para Chaya (que significa VIDA e também tem uma conotação animal) que durante toda vida cultivou uma culpa imaginária por não ter realizado a tarefa de salvar a mãe: “sou uma culpada nata” escreveu numa carta a uma irmã. Não havia nada que Clarice desejasse mais do que reescrever a história do seu nascimento: “tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer. Por motivos que aqui não importam eu, de algum modo, devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém.” Certa vez ela revelou o seu desejo de voltar à Rússia e nascer de novo.

Num longo caminho em direção ao exílio, cheio de empecilhos, sem nenhum recurso financeiro, foram as joias da família rica de Mania que os salvaram. Estavam escondidas nas suas vestimentas. O que foi de grande risco, pois se fossem descobertas a família inteira teria sido assassinada.

A descrição da viagem para o Brasil, nos porões de um navio, me fez lembrar os navios negreiros, muito semelhante ao que Ana Maria Gonçalves descreve no livro *Um Defeito de Cor*. Quais teriam sido as suas primeiras impressões do mundo, seus primeiros engramas psíquicos, nessa dura travessia? Chaya tinha dois anos de idade ao chegar no Brasil.

Aportaram em Maceió, onde a família adotou nomes brasileiros: Pinkas se tornou Pedro; Mania-Marieta; Leah-Elisa; Chaya-Clarice. Apenas Tânia permaneceu com o mesmo nome. (Uma curiosidade, parece que foi a que teve mais paz na vida).

Mas Maceió não atendeu às expectativas da família. Os parentes de Mania não foram generosos nem acolhedores e, após algum tempo os Lispector foram para Recife, onde Clarice viveu até os doze anos e de onde tem memórias muito caras. A família conseguiu equilibrar as despesas, com Pinkas trabalhando exaustivamente como caixeiro viajante, fabricando sabão (técnica que aprendeu para sobreviver nas cidades por onde andou). Mania piorava a olhos vistos e Clarice tentava salvar a mãe através de uma crença de que se encontrasse a palavra mágica, curaria a mãe. Parece que

já intuía que é possível transformar sofrimento em palavras. Seu truque falhou, mas o hábito que ela adquiriu na primeira infância, de brincar com as palavras, e contar histórias para alcançar um resultado milagroso, permaneceu até a sua morte, e a presença silenciosa da mãe sempre subentendida. Quando ela própria estava consumida por uma doença terminal, no caminho para o hospital, recorreu à mesma tática num jogo de faz de conta.

Após a morte da mãe, vieram para o Rio. Aqui decidiu cursar direito com o objetivo de reformar os presídios, ao mesmo tempo que trabalhava como jornalista, escrevendo para grandes revistas.

Neste ambiente conheceu Lucio Cardoso, que foi o primeiro grande amor da sua vida. Mas ele era homossexual e ela se deu outra tarefa impossível: “curá-lo” da homossexualidade. Ele era uma pessoa com várias excêntridades, além do alcoolismo. Mas Clarice, talvez, não se interessasse por homens convencionais, que não necessitassem de uma “salvação”, tendo em vista a coorte de pretendentes que se apaixonaram por ela sendo desprezados. Um colega lhe disse uma vez: “ele nunca vai se casar com você, é homossexual”. Replicou Clarice: “Mas eu vou salvá-lo, ele vai gostar de mim.” Obviamente isso não aconteceu. Melhor assim, pois as anedotas e “travesuras” que contavam sobre ele sugerem que seria um marido bem trabalhoso, mas talvez Clarice precisasse dessas emoções. Uma vez vendeu um de seus ternos para um amigo porque precisava de dinheiro, pegou a metade do arrecadado e jogou pela janela, divertindo-se com o número de pessoas que acorriam e disputavam o dinheiro. Outra vez contratou alguém para matá-lo, para melhor compreender o sentimento de ser perseguido.

O encontro com Lucio causou uma febre em *Chaya* tão intensa e viva, quanto a descoberta de *O Tratado do Lobo da Estepe*³ com seu personagem principal Harry Haller, suas duas almas, sua natureza meio homem, meio animal, provocara anos antes. Esse tema é recorrente na sua obra. Pessoas que têm duas almas, nas quais a capacidade para a felicidade e para o sofrimento estão atadas de modo tão apertado e conflituoso como o lobo e o homem estavam dentro de Harry.

Em outubro de 1941, com vinte e um anos, num momento em que já caíra em si e abandonara a esperança de SALVAR Lúcio, num claro exemplo

3. Hermann Hesse.

de sublimação, escreveu um conto, OBSESSÃO, que introduz um personagem obscuro Daniel, que com certeza é Lúcio, sombra de Harry Haller.

Obsessão

*Não tentarei fazer-me perdoar. Tentarei apenas
não acusar. Aconteceu simplesmente.*

Cristina, a protagonista e narradora do conto, sempre fora o que se denominava uma moça bem-comportada, cumprindo o destino convencional: um casamento estável, com Jaime, mas sem grandes arroubos de paixão.

Por motivos de doença, mudou-se do Rio para Belo Horizonte, pelo clima ameno e favorável à recuperação.

“Pela primeira vez me isolaram comigo mesma, dando-me a oportunidade de ver com os meus próprios olhos.” E o que seus olhos viram foi Daniel. Porém foi uma luz tão forte que quase a impediam de vê-lo.

Hospedada na mesma pensão onde habitava Daniel, com frequência escutava-o caçoar daqueles que trabalhavam, mostrando desprezo pelo dever, escandalizando os circunstantes. Cristina, a quem jamais ocorrera que pudesse desejar que o mundo fosse diferente, profundamente adormecida, pela primeira vez deslumbrava ideias. Outra frase impactante que ecoava, repetidamente, na moça, foi que as realizações matam os desejos.

Essas conversas produziram-lhe inquietações nascidas de uma certeza de perigo. Começava a se perguntar se Daniel não seria apenas um instrumento para o despertar para o mundo. “Talvez o meu destino fosse o dos soltos da terra, dos que não medem suas ações pelo bem e pelo mal”.⁴

Quanto mais Daniel a humilhava, desprezava, magoava profundamente, mais o considerava superior. Como se isso a fizesse se sentir viva.

Veio então a notícia da doença da sua mãe e o seu retorno ao lar. Voltou à vida de antes com o marido, mas movia-se como cega em uma espécie de sonolência. Um dia deixou um bilhete para Jaime e retornou para Daniel, que a aceita de forma indiferente, como se se tratasse de uma governanta.

4. Alusão ao personagem do livro *O Lobo da Estepe*.

Quanto a Cristina, era como se voltasse à fonte. Permanecia junto ao poderoso, àquele que SABIA. Só tinha um receio: que ele a mandasse embora. Até o dia em que saíra e se atrasara muito. Ao voltar encontrou-o emburrado por não ter almoçado nem jantado. Isto abriu-lhe os olhos. Descobriu que o tirano precisava dela, portanto não seria dispensada. Enquanto servia a Deus podia ser escrava, mas ele se desencantara e ela estava livre.

A profecia “as realizações matam os desejos” se realizou. E um dia foi embora, sendo acolhida por Jaime.

“Minha mãe morrera de ataque de coração ocasionado pela minha partida”.

Com relação ao conto, gostaria primeiramente de comentar que a escolha amorosa fala mais sobre quem escolhe do que sobre o escolhido. “o destino não vem do exterior para o homem, ele emerge do próprio homem” Rainer Maria Rilke. Depois assinalar que é difícil não ver aqui o tema recorrente da culpa pela morte da mãe, que aparece em seus livros com personagens órfãos e até num lapso auditivo que ocorreu com a própria Clarice. Uma vez, em uma entrevista, perguntaram-lhe se ela tinha paz: resposta: “Nem pai nem mãe”. Diante do espanto da entrevistadora ela comentou: “estava pensando na minha mãe e então não ouvi mais nada”. Em outro momento:

“- Coitadinha de mim, tão sem pai nem mãe. É dever ter mãe, é coisa da natureza.”

O sucesso e a vida no exterior

*A linguagem é o meu esforço humano. Por destino
tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias.
Mas volto com o indizível⁵*

Que pena que CL não tenha tido tempo de conhecer Neusa Santos Souza. Talvez Neusa a fizesse compreender que as mãos vazias não era sua falha, mas porque “No centro do dizer habita o que não se pode dizer, no universo feito de palavras há um mundo onde palavra alguma jamais pisou.” (SOUZA, 1998/2025).

5. A Paixão Segundo G.H.1964

Depois de superada sua paixão por Lúcio, na faculdade de direito conheceu Maury Gurgel Valente, que com muita “valentia” conseguiu convencê-la a se casar. Mas havia um problema: na época diplomatas não podiam se casar com mulheres estrangeiras. Clarice então escreveu para Getúlio Vargas, que na época já havia se decepcionado com o nazismo, após os ataques aos navios brasileiros. Ela se apresentava como uma sincera admiradora da sua proverbial magnanimidade. Expressava o seu desejo de se casar com um homem brasileiro e ter filhos brasileiros. Que se fosse obrigada a voltar à Rússia, se sentiria irremediavelmente estrangeira, sem amigos, sem profissão, sem esperanças. A nacionalidade brasileira era muito importante para CL. Não apenas para o casamento, mas sobretudo pelo pertencimento. Durante toda a sua vida fez questão de afirmar: “Sou brasileira.”

Em 1943, com 22 anos, se casam e no mesmo ano é publicado o seu primeiro romance *Perto do Coração Selvagem*⁶. Foi um sucesso estrondoso, “a maior estreia feminina de todos os tempos”⁷. E no ano seguinte ganhou o prestigioso PRÊMIO GRAÇA ARANHA de melhor obra de estreia de 1943. Se como Joana, a autora achava que depois do casamento nada mais poderia lhe acontecer, estava enganada. Parece que seus dois *eus* estavam se entendendo. “EU SOU MAIS FORTE DO QUE EU”.

Parece que nessa fase ela conheceu um pouco de felicidade e paz. Casada com diplomata, seu primeiro posto foi em Nápoles, na Segunda Guerra. Aí ela se ofereceu para trabalhar como voluntária no hospital. Parece que este período compensou, momentaneamente, a premência de salvar alguém. Essa necessidade nunca foi satisfeita. Mas entre os feridos de guerra, queimados, amputados sentia algum alívio, pois se não tinha poderes de salvar, pelo menos tinha o de cuidar e confortar.

Viveu em várias cidades além de Nápoles: Roma, Berna, Torquay, Washington. Apenas no Brasil conseguia ser feliz, afirmava com frequência; por isso suas vindas aqui eram frequentes. Na Suíça sua depressão iniciou-se.

6. *Ele estava só. Estava abandonado, feliz, perto do selvagem coração da vida.* (James Joyce). Epígrafe do livro.

7. *A Manhã.*

O nascimento do seu primeiro filho, Pedro, foi um bom período. Além da alegria que o nascimento de um filho proporciona, lembremos da herança da crença de que a gravidez cura doenças. Mas desde cedo os pais perceberam que havia algo diferente com a criança: excepcionais tanto uma inteligência, quanto um talento para domínio de língua estrangeira, entre outras coisas que os preocupavam.

Fato curioso: Pedro era designado de várias maneiras. A mãe o chamava por diversos nomes: Juquinha, Euríalo, Pinacoteca, Vivaldi, Evandro etc. “Ele responde por qualquer nome, tão burrinho”. Seria uma reedição do fato de toda família ter trocado de nome quando chegou ao Brasil? A procura da PALAVRA MÁGICA, que busca desde a infância? Qual o efeito dessa multiplicidade na vida de Pedro?

É muito tentador fazer paralelos da história de um artista com a sua obra. No caso de Clarice ela própria os expõe. Com certeza muitas personagens de seus livros são atemporais, mas também autorretratos, como em contos que possuem como matéria fatos reais da sua vida. Porém há de se tomar muito cuidado ao se estabelecer causalidades. Nem Freud fez isso, apesar de investigar as relações entre inconsciente e produção artística, considerava que a genialidade de um autor é irredutível a esse determinismo psíquico. Quais são as fontes de onde os escritores retiram seu material? Segundo ele a resposta nunca é satisfatória e, mesmo que fosse, o fato de conhecê-la não converteria o leigo em poeta ou dramaturgo. Em *Escritores Criativos e o Devaneio* (1908), Freud estabelece uma ponte entre a Psicologia do indivíduo, a criança que brinca e o autor criativo, propondo que a literatura seja uma forma de liberação de desejos inconscientes, daí o prazer que ela proporciona. O escritor criativo faz o mesmo que a criança quando brinca, moldando a realidade ao seu desejo. Abandona o brincar, mas não renuncia ao prazer. Brinca com a fantasia de forma organizada e aceita socialmente.

Outra frase célebre de Simone de Beauvoir reforça a ideia de fruição da literatura: “enquanto houver livros estou salva”. (BEAUVOIR, 1960).

Muitos poetas, dramaturgos, literatos intuíram verdades psíquicas, foram capazes de acessar a alma humana, as representações de desejos universais, como revelações atemporais. Os maiores são Sófocles e Shakespeare. Hamlet, por exemplo, antecipa a psicologia da paralisia neurótica.

Com certeza Clarice está nesse rol, dos que dão voz a segredos inconfessáveis da natureza humana.

Ousaria ir além e dizer que a escrita de Clarice, por não ser constativa, frequentemente é performativa. Estou consciente de que estou usando esta palavra no sentido amplo, e não no estrito proposto por Austin. Este filólogo inglês identificou que existem algumas expressões linguísticas, que quando pronunciadas em circunstâncias apropriadas, por algumas pessoas investidas de determinado poder, tornam-se ato. Por exemplo, *Eu vos declaro marido e mulher*, dito pelo padre. *A sessão está aberta*, dito pelo juiz. *Eu te prometo*, a promessa está feita. Casos nos quais DIZER É FAZER.

Os linguistas puristas não aprovariam a minha extensão do termo, porém muitos outros defendem a ideia de que toda palavra é um acontecimento, mudam o estado das coisas, transformam tanto quem as pronuncia, como quem as ouve.⁸ É o que ocorre com a literatura de Clarice, raramente descritiva, mas segundo vários depoimentos (o meu inclusive) modificam não o estado das coisas do mundo externo, mas o estado psíquico do leitor.

A volta ao Brasil

É horrível assistir à Agonia de uma esperança.

Simone de Beauvoir

Sua dor era implacável e sua culpa inafiançável: Num manuscrito não publicado disse: “tem uma coisa que eu queria contar, mas não posso”. Provavelmente essa coisa seria uma referência à violência sofrida por sua mãe. Fato central da sua vida. A crença de que falhou na missão de salvar a mãe foi um algoz que sempre lhe torturou. Numa das suas últimas anotações escreveu:

“Eu escrevo como se fosse salvar a vida de alguém, provavelmente a minha própria”. O que elucida a declaração que deu após a publicação de *Uma aprendizagem* ou *O livro dos prazeres*: não voltaria mais a escrever, porque dói

8. Para os psicanalistas, isso não é novidade.

muito. Compreende-se essa dor; por mais que a palavra boa, BEM DITA, opere transformações em quem fala e em quem ouve, não ressuscita. Para este livro, além da epígrafe, fez uma dedicatória: “*Dedico esta obra à antiga angústia que foi meu desafio maior*”. O início já anuncia a dor da solidão: *O coração tem que se apresentar diante do nada sozinho e sozinho bater em silêncio de uma taquicardia nas trevas*. Mas para o bem da humanidade não parou de escrever.

A dor de escrever não é apanágio de Clarice. “Escrever é cortar palavras”, frase célebre de Carlos Drummond de Andrade⁹, mas o corte primevo de CL foi muito profundo, precoce e indelével. Roland Barthes cunhou a expressão “*J’ai mal à l’autre*” que em português significa: “sinto dor no outro”. Esse outro a assombrou durante toda a vida. “Eu era culpada nata, aquela que nascera com o pecado mortal”.

Na Suíça ela começou a tomar Bellergal, inaugurando um hábito com fármacos que perdurou para sempre. Tentou um tratamento terapêutico, mas o terapeuta se apaixonou por ela. E por fim, quando morava em Washington resolveu voltar para o Brasil, com os dois filhos, onde achava que poderia ser feliz. Pode-se imaginar que o divórcio não foi uma decisão fácil.

Aqui ela encontrou o outro grande amor, Paulo Mendes Campos, que era a versão homossexual do Lúcio Cardoso, quase com os mesmos defeitos: alcoolismo, dificuldade de administrar a vida financeira e ainda por cima casado com uma inglesa. Foi uma grande paixão. A esposa tolerou por um tempo, mas quando ameaçou voltar para a Inglaterra, ele optou pela família, o que causou muito sofrimento para Clarice. “O ciúme lançou sua flecha monstruosa e se viu ferido justo na garganta”. Caetano Veloso, com a maestria poética que lhe é própria, definiu esse sentimento tão avassalador.

Ela amou Paulo até morrer, segundo a amiga Rosa Cass. *C’est n’est pas tous les jours qu’on rencontre ce qui est fait pour vous donner juste l’image de votre désir*.¹⁰ Mas como sói acontecer, desde sempre na sua vida, o sofrimento

9. Provavelmente, se vivesse ficaria impactado ao constatar que, atualmente, ao invés de cortar palavras, com frequência, escrever é copiar e colar.

10. Não é sempre que se encontra o que é feito para lhe dar a imagem exata do seu desejo. Lacan citado por Roland Barthes. Op. cit.

foi transformado em literatura e escreveu um conto, *Miss Algrave*, sobre um triângulo amoroso, com um final retificado, segundo seu desejo.

Ela escrevia para o Jornal do Brasil até ser despedida durante a ditadura. Nascimento Brito, proprietário do JB sempre fora pró-judaico e sionista, chegou a enviar seu filho para um *kibutz* e empregava vários judeus. Mas na época do Geisel (filho de imigrantes alemães, que tinha conexões com o mundo árabe, embora não fosse abertamente antisemita, demonstrava alguns indícios e, na juventude, havia se aliado a um general nazista).

Nascimento Brito, com medo de que lhe acontecesse o mesmo que sucedeu com Samuel Weiner e A Última Hora, começou a demitir judeus. O próprio Alberto Dines, editor do jornal, soube que foi demitido ao ler a notícia no jornal.

Período difícil para Clarice. Desempregada, com dois filhos, sendo um mentalmente doente, abandonada pelo amante. E para completar, houve a tragédia do incêndio. O vício de psicofármacos, mais o cigarro, do qual era ferozmente dependente, fez com que ela adormecesse e não percebesse o fogo que pegou em uma cortina inflamável, causando-lhe queimaduras muito graves, inclusive com o risco de amputar a mão. Para a mulher belíssima que foi, que tragédia!

Clarice morreu de câncer no ovário, com 57 anos, em 9 de dezembro de 1977. Mas até o momento da sua morte recorreu ao jogo do faz de conta da infância, para tornar a realidade mais aceitável. No táxi, a caminho do hospital, com sua amiga Olga Borelli, recorreu à tática de brincar com as palavras e inventar histórias para alcançar um resultado milagroso:

“Faz de conta que a gente não está indo para o hospital, que eu não estou doente e que nós estamos indo para Paris.” O motorista entrou no jogo e perguntou: “Eu também posso ir nessa viagem?” E Clarice falou: “Lógico que pode, e ainda pode levar a namorada. Faz de conta que você ganhou na loteria esportiva.”. Na porta do hospital, perguntou o preço da corrida. Apenas vinte cruzeiros. Clarice deu duzentos. (MOSER, 1976/2009).

A Hora da Estrela

*Morrer é um ato de extrema
solidão e de extremo egoísmo.
Às vezes, porém, é preciso morrer.
C.L. A paixão segundo G.H.*

Publicado no ano da sua morte, é um dos livros mais lineares de Clarice. Como já foi dito, ela não era muito dada a fatos objetivos: datas, locais, sequência lógico-temporal. A maioria de seus textos é um fluxo de consciência, um jorro das experiências interiores do narrador. Esse livro é uma exceção, porém não uma concessão. Ele tem início, meio e fim, mas quem aos vinte e dois anos declarou *Liberdade é pouco. O que desejo não tem nome*; alguém que assume que fatos e pormenores incomodam, não se submeteria totalmente a um padrão convencional de literatura.

O mais impressionante é que ao mesmo tempo em que escrevia *A Hora da Estrela*, escrevia *Sopro de Vida*, subtitulado *Pulsações*. Este sim, totalmente, no seu estilo preferido e dominante.

A Hora da Estrela tem vários subtítulos, citando alguns: *A culpa é minha* ou *Ela que se arranje* ou *O direito ao grito* ou *Ela não sabe gritar* ou *História lacrimogênica de cordel*, *Eu não posso fazer nada...* e mais alguns.

O narrador desse livro é um homem chamado Rodrigo, que necessita contar uma história:

É preciso falar dessa nordestina (alagoana) se não, sufoco. Macabéa é um ser insignificante, excluída, não teve educação de qualidade, ninguém no mundo. Muito feia, com os ovários secos. Foi criada por uma tia muito severa, que batia nela. Mas ela não se revoltava, aceitava as coisas como elas são: se a tia batia é porque ela merecia. Elas se mudaram para o Rio de Janeiro, onde a tia veio a falecer.

Macabéa trabalhava como datilógrafa e como era desvalorizada pelo chefe agressivo, ganhava pouco. Alimentava-se apenas de cachorro-quente e para aplacar a fome, à noite comia papel e gostava. Um dia viu algo que por um leve momento cobiçou: um livro sobre a mesa do chefe, Seu Raimundo, que era dado a literatura. O título era *Humilhados e Ofendidos*¹¹. Ficou muito

11. O senso de humor e ironia de Clarice é pouco conhecido; mostra-se aqui de forma sutil: Seu Raimundo, chefe grosseiro, com veleidades literárias, lendo Dostoiévsky.

pensativa, talvez pela primeira vez tivesse se definido numa classe social. Um início de pertencimento. Nunca havia nomeado a humilhação que sofria. Mas chegou à conclusão de que se as coisas são mesmo assim, para que lutar? Macabéa dominava pouco a linguagem, para dar um sentido ao que experimentara e diminuir seu desamparo. Nem pode ter o consolo de pertencer à classe dos despossuídos. Apesar de ser datilógrafa, se atrapalhava com as palavras, por isso seu salário era baixo.

Num dia de chuva encontra Olímpico de Jesus, um homem muito grosseiro, com o qual estabelece um relacionamento abusivo. O primeiro encontro começou assim:

Qual o seu nome?

Macabéa.

Maca o que?

Béa.

Desculpa, mas parece nome de doença.

Eles caminham e param diante de uma vitrine; ela pergunta: “Eu gosto de parafusos e pregos. E o senhor?” Isso porque Macabéa tinha medo do silêncio; se não dissesse nada, Olímpico poderia ir embora. À noite, em casa ouvia sempre a Rádio Relógio, e usava as informações, soltas, nas conversas com Olímpico, que se irritava porque era muto ignorante e não queria demonstrar. Mas Olímpico efetivamente a trocará por Glória, uma colega de trabalho de Macabéa; filha de um açougueiro e bem nutrida.

Macabéa descobre que está com tuberculose e é aconselhada por Glória a consultar uma vidente, Dona Carlota, uma ex-prostituta, que lhe diz; “estou vendo uma coisa muito séria: assim que você sair da minha casa a sua vida vai mudar”. Ao sair é atropelada e nesse momento se torna estrela.

Nos seus livros é comum CL assumir o lugar do narrador, sem transição. Porém sem tirar, no caso presente, a palavra de Rodrigo. Por isso o texto é polifônico. A mudança do estilo narrativo para o solilóquio sugere que é ela quem está dialogando com o leitor. Por exemplo, o relato da história da personagem é interrompido e o narrador desabafa, confessa que a empregada, vendo as páginas soltas as jogou no lixo, e nem de longe consegue igualar a

tentativa de repetição. Num outro momento não fica claro quem está com a palavra: desculpa-se por falar de si próprio se indagando: “Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?”. O mesmo se dá na sequência do atropelamento, “Vou fazer o possível para que ela não morra. Mas que vontade de a adormecer e eu mesma ir para a cama dormir”.

O restante do livro é um monólogo sobre o destino de Macabéa:

“Mas quem sabe se ela não está precisando de morrer?”. “Que não lamentem os mortos. Eles sabem o que fazem. Eu estive na terra dos mortos e depois do terror tão negro ressurgi em perdão”. “As coisas são sempre vésperas e se ela não morre agora, está como nós, na véspera de morrer, porque a mim não me perdoa a CLARividência”.

Então, ali deitada, Macabéa teve uma felicidade suprema, pois ela nasce para o abraço da morte. A morte, que é nessa história meu personagem predileto.

Poderíamos apontar nesse romance, não semelhanças, mas referências à vida de CL. Primeiramente esse diálogo sobre a necessidade e a inevitabilidade da morte; é evidente que se trata da sua própria vida. Macabéa tem ovários secos, CL tem câncer de ovário.

Sopro de Vida (cujo título fala por si) embora não tenha um narrador fictício, é também polifônico como *a Hora da Estrela*, pois é um diálogo entre o escritor e a personagem que ele inventa e adquire voz própria. Os dois escritos simultaneamente, sob a sombra da morte. Clarice sabia que, como Macabéa estava morrendo, mas a escrita de Chaya, mesmo com a proximidade da morte, estava viva: *Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser*. Confirmando o que já afirmou: *A escrita para mim é uma ressurreição. Não entendo a morte, mas me curvo diante dela. Morrer, às vezes, parece um egoísmo, mas quem morre, às vezes, precisa muito*.

Macabéa veio de Alagoas, estado onde a família Lispector aportou ao chegar ao Brasil e onde não foi bem acolhida por familiares do lado materno de Clarice. O título do livro que despertou em Macabéa um rasgo de consciência da sua subjetividade, *Humilhados e Ofendidos*, alude às humilhações e ofensas, não apenas às sofridas por seus ancestrais, mas a sua própria infância pobre em Recife. Uma delas registrada num conto, *Felicidade Clandestina*, sobre um livro que, quando menina, queria muito ler, *Reinações de*

Narizinho. Sua amiga, filha de um livreiro, o possuía e lhe prometeu emprestar, porém, todas as vezes que Clarice ia buscá-lo, a menina má adiava o empréstimo, submetendo-a à frustração constante. E mais uma vez, na pena de Clarice, sofrimento virou escrita.

Clarice, assim como Macabéia, frequentava videntes.

Rodrigo era pernambucano.

Alusões ao judaísmo também estão presentes. A pergunta que o narrador se faz: *Isto é ser uma pessoa?* remete, tanto pela métrica, pela sonoridade, quanto pelo sentido ao livro *É isto um homem?* de Primo Levi.

No posfácio de *Hora da Estrela*, Paulo Gurgel Valente, o segundo filho de Clarice, nos faz ver que a escolha dos nomes de Macabéia e Olímpico não foi aleatória.

Os Macabeus formavam um grupo dominante e prestigiado em Israel. O rei da Síria, Antiochus IV (175-164 AC) tentou erradicar a cultura judaica na Judeia, implantando o helenismo – e profanaram o TEMPLO.

Os guerreiros, liderados por Judas MACABEU, venceram e purificaram o TEMPLO, evento que originou a festa de Chanucá. *A Hora da Estrela* pode também nos remeter a um dos maiores símbolos do judaísmo, a estrela de David, com seis pontas.

Eu me pergunto se o domínio perverso de Olímpico sobre Macabéia também é uma referência a esse fato histórico.

Entre os vários países que Clarice visitou, consta o Egito. Muitos anos depois relembrou que encarou a Esfinge na sua excursão: “Não a decifrei, mas ela também não me decifrou”. (MOSER, 1976/2009).

E nós, incansáveis e deslumbrados admiradores, continuamos tentando decifrá-la.

Referências

- AUSTIN, J. L. (1962). *Quand dire, c'est faire*. Paris: Éditions du Seuil, 1970.
- BARTHES, R. *Fragments d'un discours amoureux*. Paris: Éditions du Seuil, 1977.
- BEAUVOIR, S. *La Force de L'Age*. Paris: Éditions Gallimard, 1960.
- FREUD, S. (1908). *Escritores Criativos e o Devaneio*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 9).

LISPECTOR, C. (1941). Obsessão. In: *A Bela e a Fera*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

_____. (1943). *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2009.

_____. (1969). *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

_____. (1971). *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 2023.

_____. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Editora Arte Nova, 1973.

_____. (1977). *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2019.

_____. (1978). *Um sopro de vida – Pulsações*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.

MOSER, B. (1976). *Clarice, uma biografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SOUZA, N. S. (1998). O estrangeiro: nossa condição. *Conversando com Amigos da psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 2, Homenagem a uma Psicanalista de Destaque no Cenário da psicanálise Brasileira: Neusa Santos Souza, p. 131-138, 2025.

Junho de 2026

Denise Cipriano Jabour

denise_cipriano@yahoo.com.br

Rio de Janeiro - RJ - Brasil